

Livro que foi indicado como leitura obrigatória para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em março de 2017, passando a integrar formalmente a lista do Vestibular 2018, finalista do Prêmio Jabuti (2012, finalista do Prêmio São Paulo de Literatura (2012) e finalista do Prêmio Portugal Telecom de Literatura (2012), ***Diário da Queda*** foi um sucesso de crítica e público no Brasil e internacionalmente, recebendo diversos prêmios e elogios. Foi considerado um dos livros mais importantes de Michel Laub e um marco na literatura brasileira contemporânea que aborda o Holocausto. Um garoto de treze anos se machuca numa festa de aniversário. Quando adulto, um de seus colegas narra o episódio. A partir das motivações do que se revela mais que um acidente, cujas consequências se projetam em diversos fatos de sua vida nas décadas seguintes — a adolescência conturbada, uma mudança de cidade, um casamento em crise — ele constrói uma reflexão corajosa sobre identidade, afeto e perda. Dessa reflexão fazem parte também as trajetórias de seu pai, com quem o protagonista tem uma relação difícil, e de seu avô, sobrevivente de Auschwitz, que passou anos escrevendo um diário secreto e bizarro. São três gerações, cuja história parece ser uma só; são lembranças que se juntam de maneira fragmentada, como numa lista em que os fatos carregam em si tanto inocência quanto brutalidade. Numa prosa que oscila entre violência, lirismo e ironia, com pausas para uma neutralidade quase documental na descrição de cheiros, gostos, sons, fatos e sentimentos, *Diário da Queda* — livro selecionado pela Bolsa Funarte de Criação Literária — é uma viagem inusitada pela memória de um homem no momento em que ele precisa fazer a escolha que mudará sua vida.



O Museu Nacional de Belas Artes – MNBA – inaugurará, em 16/09/2026, a exposição ***Abolicionistas Brasileiras*** que reúne trabalhos de 47 artistas visuais negras em torno da memória e das lutas de mulheres que tiveram participação decisiva na história brasileira, mas permaneceram ausentes ou receberam pouco espaço nas narrativas oficiais. Com curadoria de Ana Carla Soler e co-curadoria de Francela Carrera e Carolina Rodrigues, a exposição ocupa a Sala Bernardelli, que será reaberta após uma reforma completa. A inauguração integra a programação de reinauguração de três espaços expositivos do MNBA, instituição que passa por obras desde 2020. A visitação é gratuita. Realizada pelo Instituto Artistas Latinas, a mostra revisita trajetórias de figuras como Aquatune, Anastácia, Maria Firmina dos Reis e Maria Felipa, entre outras mulheres associadas à resistência negra e à luta pela liberdade. A proposta é confrontar apagamentos históricos e discutir as formas pelas quais a memória dessas personagens chegou, ou deixou de chegar, ao presente. Entre as artistas participantes estão Luna Bastos, Renata Felinto, Guilhermina Augusti, Lidia Lisbôa, Mônica Ventura, Aline Motta e Manuela Navas. Diferentes gerações e linguagens se encontram em trabalhos que abordam temas como raça, gênero, ancestralidade, território, educação, moradia e direito à memória. MNBA - Avenida Rio Branco, 199, Centro. Seg. a sex., 13h/17h. Grátis. Até 18 de dezembro.

Stefany Lima-Homenagem a Adelina



Filme espanhol, de Pedro Almodóvar, de 2019, ***Dor e glória*** é um filme em que Almodóvar se desnuda emocionalmente de forma total. Não é uma autobiografia. É uma ficção que traz toques de autobiografia. Mas para quem acompanha a carreira de Almodóvar, é fácil ver a presença do diretor em vários momentos. Com Penélope Cruz, Cecilia Roth, Julieta Serrano, e, é claro, Antonio Banderas, que interpreta brilhantemente o personagem principal, Salvador, um diretor de cinema que sofre com dores terríveis. Ele se isolou do público depois da morte de sua mãe e não tem contato com o público. Mas a cinemateca de Madri resolve fazer uma homenagem e reexibir um de seus grandes sucessos, feito há 30 anos, o filme *Sabor*. É quando ele resolve procurar o ator principal do filme, com quem brigou na época, Alberto Crespo, feito pelo interessante Asier Etxeandia. O reencontro dos dois traz lembranças e ainda faz com que Salvador enfrente suas dores, seus medos e suas lembranças. Isso inclui memória de sua infância e a relação com sua mãe, vivida na juventude por Penélope Cruz, e na velhice por Julieta Serrano, a atriz de *Pepi, Luci, Bom*, também do diretor. Antonio Banderas foi premiado no festival de Cannes por esse filme. Disponível no Prime Vídeo.



Você sabia?

Você sabia que Conservatória, no interior do Rio de Janeiro, é conhecida como a ***Cidade das Serenatas***? Conservatória, distrito da cidade de Valença, mantém viva uma tradição que, em muitos lugares, virou apenas lembrança. Ali, cantar pelas ruas não é só um gesto romântico, é parte da identidade local. Aos sábados, músicos e moradores percorrem as vielas com violões e bandolins, entoando canções antigas diante das janelas, como se cada serenata fosse um pequeno presente deixado na madrugada. A cidade respira música e abriga o Museu da Seresta — uma adaptação brasileira da serenata medieval europeia. A tradição das serestas em Conservatória ganhou força no final do século XIX e foi consolidada na década de 1950 por José Borges de Freitas Netto, Joubert Cortines de Freitas e Luiz Gonzaga Pinto Magalhães. Eles iniciaram o hábito de instalar



A bucólica Conservatória é cenário para serestas e serenatas.

placas nas fachadas das casas com nomes de músicas e autores de serestas, promovendo apresentações musicais pelas ruas. As serenatas ocorrem às sextas e sábados, a partir das 23h, na Casa de Cultura e na Travessa Professora Geralda Fonseca, conhecida como Rua do Meio. A Solarata, realizada nas manhãs de domingo, também atrai turistas. A tradição das serenatas como um costume brasileiro mais amplo: as serenatas, por décadas, marcaram cidades do interior em Minas, Goiás e outras regiões. Em Conservatória, porém, elas não apenas resistiram — se fortaleceram, se organizaram e se tornaram um símbolo cultural que atrai visitantes de todo o país. Enquanto, em muitos lugares, a serenata virou memória, ali ela continua viva, pulsante e celebrada como um ritual de união, poesia e nostalgia. É fascinante perceber como uma prática simples, que nasceu do desejo de cantar para alguém, encontrou em Conservatória o cenário perfeito para nunca desaparecer.